



## Professores de geografia: um ensaio sobre ética relacional e formação em tempos virtuais

## Geography teachers: an essay on relational ethics and training in virtual times

DOI: 10.55034/smr3n2-020

Recebimento dos originais: 03/02/2022  
Aceitação para publicação: 03/03/2022

### Giseli Gomes Dalla-Nora

Doutora pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Endereço: R. Quarenta e Nove, 2367, Boa Esperança, Cuiabá - MT  
CEP: 78060-900  
E-mail: giseli.nora@ufmt.br

### Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora

Doutor pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMT)  
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMT), Campus Bela Vista  
Endereço: Av. Ver. Juliano da Costa Marques, s/nº, Bela Vista, Cuiabá - MT  
CEP: 78050-560  
E-mail: edson.evangelista@ifmt.edu.br

### RESUMO

Este ensaio tem por objetivo apresentar algumas discussões pertinentes ao processo de formação de professores, no contexto pandêmico, com vistas a respectiva atuação na educação básica. Não se pretende aqui abordar todos os elementos que configuram este processo, mas abordar, o processo de formação do professor a partir da perspectiva da ética, da moral e dos valores que o orientem a ação docente. Nessa perspectiva cumpre ressaltar que a ética na formação de professores, em especial na formação de professores de geografia perpassa a própria formação compreendida com o desenvolvimento profissional ao longo de um continuum de formação em contextos. Uma vez que trata-se de uma ética relacional voltada para a ação docente nas múltiplas dimensões em que ser professor se constitui sempre paulatinamente.

**Palavras-chave:** formação de professores, ética, desenvolvimento profissional docente, pandemia.

### ABSTRACT

This essay aims to present some discussions relevant to the process of teacher education, in the pandemic context, with a view to their respective role in basic education. It is not intended here to address all the elements that make up this process, but to address the teacher training process from the perspective of ethics, morals and values that guide the teaching action. From this perspective, it should be noted that ethics in teacher education, especially in the education of



geography teachers, permeates the very training understood with professional development along a continuum of training in contexts. Since it is a relational ethics focused on teaching action in the multiple dimensions in which being a teacher is always gradually constituted

**Keywords:** teacher training, ethic, teacher professional development, pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO: PREPARANDO AS TAÇAS

Alguns textos levam muito tempo para serem elaborados, por vezes são esboçados em tempo célere. Depois ficam guardados, vinho em maturação, curtido no barril de carvalho para que o sabor e aroma sejam ressaltos para a devida degustação. Sabor e aroma metaforizados em um encontro, como foi o caso dos autores deste texto, revisitado aproximadamente uma década depois, com vistas a refletir sobre o contexto pandêmico e os processos de formação de professores.

Formação de professores configura-se como termo polissêmico marcado por uma infinidade de concepções e sentidos, a depender dos postulados teóricos e epistemológicos que sustentem mencionadas concepções.

Para pensar os desafios da formação docente, bem como suscitar reflexões sobre a componente ética na atuação docente, principalmente no cenário onde todos, de algum modo, foram afetados pela tragédia advinda da pandemia provocada pelo SARS-COVID-19, parece oportuno conceber formação como um continuum (MARCELO, 1999) de desenvolvimento profissional docente em contexto.

Um dos elementos positivos que encontramos na utilização do conceito de desenvolvimento profissional reside no facto de pretender superar a concepção individualista e celular das práticas habituais de formação permanente. Quer isso dizer que o desenvolvimento do professor não ocorre no vazio, mas inserido num contexto mais vasto de desenvolvimento organizacional e curricular. (MARCELO, 1999, p. 139).

Destarte, a despeito das mudanças céleres e profundas transformações, consenso entre os pensadores atuais, que a sociedade passou e passa nas relações sociedade e natureza e sociedade - sociedade (SANTOS, 1997; OLIVEIRA, 2008); transformações que clamam reflexões acerca de valores, padrões, paradigmas e comportamentos sociais, parece oportuno e urgente



pensar perspectivas para a formação continuada docente capaz de açambarcar para além dos saberes, conhecimentos e expertises docentes, a ética relacional que caracteriza a atuação destes profissionais, principalmente neste conjuntura marcada pela emergência do ensino remoto.

A educação básica foi subitamente inserida no ensino remoto, a formação docente e o ensino superior também. A prática pedagógica promovida por programas como o Programa de Iniciação a Docência - PIBID e a Residência Pedagógica também estão virtuais idem. Fato é que o ensino remoto emergencial se deu repentinamente; no limiar de 2019 e princípio do ano letivo de 2020, termos como aula virtual síncrona e assíncrona, classroom, meet, zoom começaram a fazer parte do cotidiano da educação formal e, a formação docente que sempre se constituiu em grande dilema nestas terras tupiniquins, viu-se as voltas com mais este desafio. O vinho então, que não teve o tempo de maturação, e o barril de carvalho foi trocado pelas garrafas, muitas vezes plásticas, que não permitem a aromatização prazerosa do próprio processo de autoformação. E uma vez mais as políticas públicas de formação docente não acompanharam o desenvolvimento profissional docente em tão inusitados contextos.

Este ensaio tem por objetivo refletir a maturação do processo de formação de professores, com vistas a sua atuação no ensino básico. Para tanto apresentará elementos que levem o professor a pensar sua prática, em especial do professor de geografia a começar pela própria discussão da ciência geográfica e o contexto da ética relacional neste processo observando o contexto da formação nos tempos pandêmicos.

## **2 O BARRIL DE CARVALHO: SABORES E AROMAS NO DEGUSTAR A GEOGRAFIA**

O conhecimento é poder, esta afirmação de autoria de Francis Bacon é célebre, mas poucos entendem o seu valor nos dias de hoje. Mas que poder o conhecimento traz? Francis Bacon entendia que o conhecimento é poder, pois por meio dele pode-se transformar o mundo e a realidade. Mas seria só por isto? Só pelo simples prazer de transformar? Alguns cientistas afirmam que não, pois na medida em que se desvendam os detalhes da natureza por meio de pesquisas e avanços tecnológicos da física, biologia, matemática, geografia



entre outros, permite-se alterar processos e dinâmicas e consolidar ideias e ideais de acordo com a racionalidade humana.

Conhecer a própria realidade significa adquirir e admitir a responsabilidade sobre as mudanças que envolvem a natureza e as ações humanas. Não se pode aqui argumentar nada, sem antes partir da premissa que o ser humano é na verdade a própria natureza e ao alterá-la, altera a si mesmo.

Neste sentido, a geografia busca, por meio de suas áreas de pesquisa, identificar, explicar e auxiliar no processo de entendimento da sociedade e da própria natureza, mas não é tão simples quanto possa parecer, pois nela, o conhecimento se constitui e se estrutura a partir do empirismo, do degustar, do sentir, do experimentar.

A geografia, além de sua abrangência, é a ciência dos estudos da espacialidade humana, Yves Lacoste em seu livro “Geografia: isto serve antes de mais nada para fazer a guerra” apresenta brevemente facetas do uso consciente da ciência e dos conhecimentos geográficos e uma forma de entender o conhecimento como poder, e aí sim, influenciar o seu meio. Lacoste (2005) afirma que existem duas geografias: a da escola, ensinada nas escolas e universidade de caráter meramente informativo e não formativo e a geografia estratégica, utilizada pelo exército e pelos governos.

Mas então por que a geografia assim como outras ciências humanas têm se tornado uma disciplina simplória e enfadonha? (LACOSTE, 2005) a resposta pode ser até parecer simples, mas não é. É mais fácil controlar e dominar nações com fome e miséria (SANTOS, 1997) que dominar uma nação pensante e com poder de mudança que a educação traz.

A Geografia é uma das disciplinas que possibilita a interação entre o conhecimento teórico e a vivência. Esta ciência possibilita uma leitura de mundo pelo mundo, contribuindo para a formação de cidadania e possibilita articulação com a sociedade atual, que é dinâmica e capitalista. É uma das disciplinas acadêmicas mais ecléticas no que se refere à formação de um cidadão crítico e atuante em sociedade.

Oliva (1999) afirma que a função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudo, mas sim, a partir dele colaborar para a compreensão do todo e neste sentido a geografia, junto com o espaço



geográfico, oferece elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla, complexa e dinâmica.

Callai (2003) afirma que a geografia é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que ele exerça de fato sua cidadania. Afirma ainda que, a sociedade exige da escola uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criticidade a instrumentalização para usar o conhecimento, a capacidade de pensar e construir um pensamento com a própria autoria. Neste sentido, os diversos temas trabalhados por ela permitem que o aluno/cidadão se sinta responsável pelas mudanças em sociedade e saiba como se comportar frente a elas, como é o caso da educação ambiental, da geopolítica, entre outras. Oliveira (2008, p. 143) afirma que:

é na escola que uma parte do processo de conscientização e/ou não conscientização se desenvolve. Todas as disciplinas têm papel a desempenhar neste processo. À geografia cabe papel singular nesta questão. Com o professor de geografia no ensino de 1º e 2º graus está a tarefa de desenvolver na criança e com ela a visão da totalidade da realidade brasileira. E esta totalidade é produto da unidade da diversidade, logo síntese de múltiplas determinações.

Neste universo diversificado da geografia o que chama a atenção são as possibilidades de desenvolvimento de um pensamento crítico e atuante, mas que venha embasado de cidadania.

Pimenta e Anastasiou (2002, p. 32) apresentam o conceito de “Ensinação” que “comporta em si a falsa dicotomia, pois carrega consigo esses compromissos éticos, políticos e sociais da atividade docente para com os alunos, a qual se realiza em um determinado espaço institucional” aborda ainda que o conceito de Ensinação mostra que a o ensino-aprendizagem pode e deve estar compartilhando a responsabilidade de apropriação dos conceitos, teorias e métodos entre docentes e discentes em um processo de construção conjunta.

Gil (2012, p. 425) fortalece esta ideia ressaltando que o “aprendente, ou aquele que aprende, é autodirigido, o que significa que é responsável pela sua aprendizagem e estabelece e delimita o seu percurso educacional”

Assim, entendemos que o ensino de geografia pode também ser trabalhado a partir das chamadas categorias de análise da geografia, que envolve: região, paisagem, espaço geográfico, território e lugar. Alguns estudiosos afirmam que para se chegar ao conhecimento científico dentro dos



estudos da geografia deve-se adotar a dimensão das categorias de análise que podem utilizar também parte do seu arcabouço teórico da então conhecida geografia temática. E Oliveira (2008, p. 143) afirma que “a transmissão/formação destes conceitos passa necessariamente pela questão ideológica da formação do professor de geografia e esta definição e escolha dá parâmetros para a geografia que ele ensina”. Neste contexto é que a formação do professor deve ser dotada e recheada de ética e profissionalismo, pois dependendo da corrente de pensamento geográfico que ele se alinha, suas aulas terão mais ou menos debates.

O estudo sobre o espaço geográfico, a paisagem, a região, o lugar e o território trazem a tona a importância da discussão sobre o que, quando, como e o onde se pretende estudar, qual é o fenômeno a ser estudado. Para a geografia as categorias de análise representam escalas de abordagem e estudo. Para muitos, análise pressupõe pré-julgamento e a geografia perpassa por esta discussão também, que se apresentará em outra ocasião, devido à complexidade do embate.

### **3 O VINHO E O VINAGRE: A ÉTICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA**

As discussões sobre o comportamento do indivíduo e o comportamento da sociedade coexistem com o próprio surgimento do homem e da própria filosofia, mãe das ciências, que embasado em obras como as de Platão e Aristóteles, que discutem e correlacionam o antigo com o novo, o certo e o errado, o bem e o mal, indicam que a sociedade está em permanente processo de transformação e (re) construção de seus valores e significados de acordo com o momento histórico – político - social que vive (DIAS, 2009).

Libâneo (1990) reforça e atenua este contexto abordando que o ensino aprendizagem se constitui em três dimensões fundamentais: a política, a científica e técnica. Sato (2011) subsidia o debate argumentando a relação com a pesquisa e o seu fazer presente nos âmbitos da epistemologia-práxis-axioma.

Neste contexto, discutir o homem e seu papel em sociedade e com outros indivíduos no universo do ensino da geografia nos remete a discussões e indagações acerca do que é moral, cidadania, ética. Mas afinal o que é moral? O que é ética? O que é cidadania? Estas são perguntas singulares que podem



versar a considerações sobre o comportamento social e a novas indagações em um processo contínuo e necessário para a educação atualmente.

A filosofia argumenta que a moral é o comportamento do indivíduo frente às questões cotidianas. O que ele faz? Por que ele faz? O que o leva a agir de uma forma e não de outra está relacionado com as características culturais que está acostumado a seguir, e que foi educado/ensinado no seu convívio diário. (DIAS, 2009). Neste universo, Platão apresenta a ética, que diferente da moral, está relacionada com o caráter do indivíduo, do seu eu, do saber fazer e porque fazer, consciente do que a sociedade espera dele. (DIAS, 2009).

Na ética de Platão, o bem sempre é buscado, o homem deve agir de tal modo que a benevolência sempre prevaleça e a felicidade seja alcançada. Neste sentido Aristóteles argumenta que a ética e a felicidade só podem ser alcançadas por meio da razão. Racionalizando todos os processos para promover o bem-estar comum, com comportamentos solidários. (DIAS, 2009).

E quando se trata da formação de profissionais em nível superior, a discussão sobre o papel do indivíduo formado e o que se espera dele enquanto profissional frente à sociedade deve acontecer concomitante com todas as atividades e espaços acadêmicos, pois o reconhecimento da responsabilidade sobre seus atos o torna agente do seu próprio destino, de sua própria carreira. Quando o profissional assume a responsabilidade sobre sua carreira ele acaba pensando muito mais antes de cometer alguma atitude que fira a ética de sua profissão. Atitude tão importante nos dias de hoje nas instituições e corporações

Pensando na formação do professor de geografia, a partir de 1996 com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1996), a ética deve ser discutida na escola, apontando os temas transversais com o possível momento de debate, transversalizando o conhecimento ético, auxiliando no processo de construção do conhecimento. Então a ética irá acompanhá-lo no decorrer da sua carreira sendo um agente formador de opinião. No contexto atual da Base Nacional Comum Curricular a ética é pouco debatida, o que se aponta é que o “ensino e a aprendizagem devem ocorrer sem decoreba, com rigor e respeito ao modus operandi das ciências. A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer avançar a cidadania.” (Nova Escola, 2021, P. 30)



Para que esse encontro ocorra deve-se aproximar o debate da realidade do aluno, deve-se trazer elementos concretos do seu dia a dia para a sala de aula no intuito de produzir o conhecimento a partir da premissa do real e aí sim levá-lo ao abstrato do devir (FREIRE, 1998).

Podemos usar como exemplo desta discussão o chamado “jeitinho brasileiro”, que pode ser interpretado como falta de ética, pois o comportamento da sociedade brasileira frente a situações cotidianas como a corrupção, o não respeito às leis pode e deve ser discutido, polemizado e refletido, pois é na escola que os alunos aprendem cidadania.

Aprendem cidadania? Sim aprendem cidadania. Pontuscka (2002) afirma que a cidadania deve ser ensinada dentro dos muros da escola, em sala de aula, em espaços que possibilitem a discussão do próprio conceito de cidadania, de ética e valores. Mas também pode extrapolar os limites da sala de aula como nas diversas instituições sociais como a família, as instituições religiosas e os mais diversos grupos sociais existentes.

Reis (2000), professor da Universidade de Lisboa se refere à construção da cidadania e do ensino de geografia a partir da Carta Internacional de Educação Geográfica que traz alguns princípios para o ensino de Geografia. Nesta carta o ensino de geografia deve ser problematizado, pensar o cotidiano, os problemas socioambientais e acima de tudo levar os alunos e refletirem sobre suas próprias ações e realidades.

Castellar (2009) provoca esta construção partindo da premissa “Pensar globalmente e agir localmente” trabalhando os mais diversos temas a partir das diferentes escalas de análise, do local para o global e do global para o local, trazendo para o aluno o processo de contextualização e leitura de mundo pelo próprio mundo.

Mas Reis (2000) afirma ainda que este processo não é tão lento quanto parece, pois as dificuldades de contextualização e construção da cidadania perpassam pela ausência de formação dos professores, que influenciados pelo processo educacional brasileiro e pela recente história dos cursos de geografia no Brasil. Perpassa ainda pelas políticas públicas muitas vezes arbitrárias e com foco tecnicista como ocorreu no Brasil no período da ditadura militar, demonstra a necessidade de se aprofundar mais o corpo teórico dos alunos dos cursos de graduação (Callai, 1999).



O momento pandêmico vivenciado mundialmente, provocou mudanças bruscas nos processos de ensino aprendizagem no nível superior e na educação básica. O ensino presencial passou para o ensino emergencial (online) e com a permanência do estado de isolamento social, configurou-se o ensino remoto. O trabalho docente foi mais uma vez precarizado, e a formação de professores ficou escanteada.

A ausência de políticas públicas emergenciais de formação de professores prejudicou e ainda prejudica o acesso a educação pública no país. A desigualdade social, acentuada na pandemia, escancarou as diferentes realidades sociais de acesso à internet, aos equipamentos necessários se somaram as dificuldades já existentes de sobrevivência.

A ciência geográfica auxilia na leitura social da pandemia, compreendendo-a como um fenômeno global que atingiu os seres humanos em diferentes proporções e de modo desigual. Para além do contexto pandêmico, a prática do ensino de geografia tem se mostrado dinâmica e ao mesmo tempo apresenta vários desafios. O universo da sala de aula estava cada vez mais complexo e desafiador devido ao perfil social e econômico que impera nos países capitalistas. O planeta agora é praticamente urbano, capitalista, consumista e individualista. Esta realidade advém das profundas transformações iniciadas na Revolução Industrial que se reproduzem com maior impacto nos modelos de produção atuais.

Neste sentido, para se entender a prática de ensino em geografia a construção do cotidiano do professor e da dinâmica que envolve a geografia devem ser referendadas. Alguns autores apresentam ideias para alimentar a prática do ensino de geografia a partir de atitudes simples.

Atitudes simples, mas que na verdade são altamente eficazes como a de Kaercher (2006) que apresenta uma dinâmica para formação da consciência crítica, problematizadora por meio do Geografizar o jornal. Ele sugere que o aluno que utilize do jornal diário para leitura e interpretação do seu cotidiano e como ele se constrói.

Callai (2000) e Castrogiovanni (2000) discutem o ensino de geografia apontando elementos claros e diretos para o ensino da geografia a partir da interpretação do mundo utilizando a cartografia, o uso de mapas dentro do processo de espacialização dos fenômenos.



Castellar (2009) também apresenta várias formas de se trabalhar com a cartografia para compreender o mundo de hoje com a construção de maquetes, varais didáticos e oficinas em sala, além é claro de debates com os júris populares dentro de sala de aula. Pontuscha (2002) sugere a construção de jogos interativos. Archella (2006) utiliza as webquest e recursos que perpassam o “power giz” e o power point entre outros recursos.

Ao dissertar sobre este tema pertinente nos dias de hoje, a angústia surge: como formar professores críticos e atuantes com atitudes éticas e morais que atinjam o ensino básico? Receita de bolo? Não, esta não serve, por mais que se apontem caminhos para a formação, é o comprometimento individual do professor que pode reforçar estes elementos ou destruí-los.

Mas uma coisa é unanime entre os pesquisadores: ensinar exige comprometimento e responsabilidade. Ao apresentar aqui temas pertinentes a prática docente observa-se que o desafio é grande, mas o comprometimento e a vontade de acertar falam mais alto, pois a educação, assim como esse texto é dotada de ciência, mas também de paixão e amor pelo saber.

Pensar na prática docente é pensar no processo de interação e amadurecimento do profissional. O professor deve perceber que o mundo é dinâmico e que muitas vezes o mundo do trabalho irá exigir dele outras habilidades e competências que ele não aprendeu/compreendeu na graduação (tempo e espaços do saber) por inúmeros motivos.

Dessa forma, o professor do nível superior deve se aproximar do ensino básico, em especial no caso da formação dos professores de geografia, pois é de fundamental importância conhecer a realidade de trabalho para assim auxiliar no processo de formação dos professores. Assim, pressupõe-se que a coerência no fazer docente, ligada a análise da prática docente cotidiana, possam fortalecer cada vez mais a formação docente que é refletida na educação básica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE O PALADAR E O PORVIR**

Ao adentrar em uma vinícola, o visitante em geral desconhece os processos de fabricação do futuro vinho, assim como os professores em formação não se apropriam totalmente da episteme-práxis-axioma que sustentam a ciência geográfica.



Tais processos se desenvolvem com tempo no continuum do aprender assim como o vinho envelhecido tem aroma e sabor próprios e altamente marcantes.

Nessa perspectiva cumpre ressaltar que a ética na formação de professores, em especial na formação de professores de geografia perpassa a própria formação compreendida com o desenvolvimento profissional ao longo de um continuum de formação em contextos. Uma vez que trata-se de uma ética relacional voltada para a ação docente nas múltiplas dimensões em que ser professor se constitui sempre paulatinamente



## REFERÊNCIAS

- ARCHELA, R. S.; ARCHELA, E. Webquest com orientações para a construção de mapas temáticos Geografia - v. 15, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/geografia>. Acesso em 15 julho 2021.
- BNCC NA PRÁTICA. Tudo que você precisa saber sobre Geografia. Nova Escola. Disponível em <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/wCc4jNrufvHyQBhNdbcHwXBrsMBPvJeg6kyaUjGuHsvGefTeBcBB7x6kC7DV/guiabncc-ne-geografia-final.pdf>. Acessado em 08 julho 2021.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 1996.
- CALLAI, H. C. A formação do profissional da geografia. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.
- CASTELLAR, S.; VILHENA J. Ensino de Geografia. São Paulo. Cengage Learning. 2009
- CASTROGIOVANNI, A. (org.) Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, L. S. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.
- DIAS, Reinaldo. Fundamentos de sociologia geral. 4. ed. Campinas: Alinea, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. O que é didática do ensino superior. In: GIL, Antonio Carlos. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2012.
- LACOSTE, Y. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 2005.
- LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública. São Paulo: Loyola, 1990.
- MARCELO, C. Formação de professores-Para uma mudança educativa. Porto-Portugal: Porto editora, 1999.
- OLIVA, J. T. Ensino da Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, A. F. A geografia em sala de aula. São Paulo. Contexto. 1999.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Do ensinar à Ensinagem. In: PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. Docência no ensino superior. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- PONTUSCHKA. N. N; OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.
- REIS, João. Cidadania na escola: desafio e compromisso. Inforgeo, 15, Lisboa, Edições Colibri, 2000. Disponível em



[http://www.apgeo.pt/files/section44/1227091905\\_Inforgo\\_15\\_p113a124.pdf](http://www.apgeo.pt/files/section44/1227091905_Inforgo_15_p113a124.pdf).  
Acessado em 14 março 2012.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SATO, M. Educação Ambiental. Rima: São Carlos, 2002. In: OLIVEIRA JUNIOR, SAMUEL B.; SENRA, RONALDO E. FEITOZA; SOARES, PAULO. Educação Ambiental: Alternativa de Aprendizagem num Projeto de Reflorestamento. Revista eletrônica do mestrado em Educação Ambiental. Volume 19, junho de 2007 – Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2007.

SATO, M. Educação Ambiental. Ed. UFSCar/PPG-RRN. São Carlos. SP, 1996.